UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

FACULDADE DE LETRAS

MARCELA RIBEIRO FERREIRA

ONE DAY AT A TIME E A LINGUAGEM NÃO BINÁRIA: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO PARA LEGENDAS

JUIZ DE FORA

2022

MARCELA RIBEIRO FERREIRA

ONE DAY AT A TIME E A LINGUAGEM NÃO BINÁRIA: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO PARA LEGENDAS

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês.

Orientadora: Profa. Dra. Mayra Barbosa Guedes

JUIZ DE FORA

2022

MARCELA RIBEIRO FERREIRA

ONE DAY AT A TIME E A LINGUAGEM NÃO BINÁRIA: UMA ANÁLISE DA TRADUÇÃO PARA LEGENDAS

Trabalho de conclusão de curso submetido ao Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras: Ênfase em Tradução – Inglês.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Profa. Dra. Mayra Barbosa Guedes
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi
Universidade Federal de Juiz de Fora

_____

Prof. Dr. Alexandre José Pinto Cadilhe de Assis Jácome
Universidade Federal de Juiz de Fora

Nota: _____

Juiz de Fora, ____ de agosto de 2022

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso apresenta uma análise qualitativa de 48 legendas em português brasileiro, extraídas da série de comédia estadunidense *One Day At a Time*, produzida pela Netflix entre 2017 e 2019. Como objetivo principal, busca analisar a tradução da linguagem não binária presente na série, além de entender como uma linguagem não binária pode ser inclusa no português brasileiro. Para isso foram usadas a teoria de mudança linguística de Weinreich, Labov e Herzog (1968), aliada aos tipos de variação de Coseriu (1980), os conceitos e as nomenclaturas acerca da tradução audiovisual de Díaz-Cintas (2005) e Araújo e Franco (2011). Como resultados, constatamos que mais de 70% das legendas em português estão em linguagem não binária, um número bem expressivo em nossa língua, sendo que, em algumas das ocorrências, foram utilizadas de forma proposital termos gramaticalmente femininos.

Palavras-chave: Sociolinguística Variacionista. Tipos de Variação. Comunidade de Fala. Legendagem. Linguagem Não binária.

ABSTRACT

This undergraduate thesis presents a qualitative analysis of 48 subtitles in Brazilian Portuguese, extracted from the American comedy series *One Day At a Time*, produced by Netflix between the years of 2017 and 2019. Its main goal is to analyze the translation of the present non-binary language in the series, in addition to understanding how a non-binary language can be included in Brazilian Portuguese. For this analysis, we adopted the theory of linguistic change by Weinreich, Labov and Herzog (1968), combined with the concepts of types of variation by Coseriu (1980), the ideas and nomenclatures about audiovisual translation by Díaz-Cintas (2005) and Araújo and Franco (2011). As a result, we verified that more than 70% of the subtitles in Portuguese are in non-binary language, a very expressive number in Portuguese, and in some of the occurrences, grammatically feminine terms were used on purpose.

Keywords: Variationist Sociolinguistics. Variation Types. Speech Community. Subtitling. Non-binary Language.

SUMÁRIO

1. CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO.....1

2. CAPÍTULO 2: LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA.....2

2.1. Sociolinguística Variacionista.....2

2.2. Tipos de variação e a ideia de Comunidade.....3

2.3. Preconceito linguístico.....7

2.4. Conclusão.....8

3. CAPÍTULO 3: TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E LEGENDAGEM.....9

3.1. História da Tradução Audiovisual.....9

3.2. Nomenclatura e aspectos técnicos.....11

3.3. Conclusão.....14

4. CAPÍTULO 4: LINGUAGEM NÃO BINÁRIA EM *ONE DAY AT A TIME*.....15

4.1. A série e os personagens.....15

4.2. Conceitos importantes.....21

4.3. Diferenças entre linguagens.....22

4.4. Projeto tradutório da série.....23

4.5. Conclusão.....24

5. CAPÍTULO 5: ANÁLISE.....25

5.1. Substantivos.....25

5.2. Adjetivos.....29

5.3. Pronomes.....32

5.4. Artigos.....37

5.5. Conclusão.....38

6. CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS 40

7. REFERÊNCIAS.....42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Falas e legendas dos substantivos para análise.....25
Tabela 2 – Qualificação e quantificação dos substantivos.....27
Tabela 3 – Falas e legendas dos adjetivos para análise.....29
Tabela 4 – Qualificação e quantificação dos adjetivos.....31
Tabela 5 – Falas e legendas dos pronomes para análise.....32
Tabela 6 – Qualificação e quantificação dos pronomes.....35
Tabela 7 – Falas e legendas dos artigos para análise.....37
Tabela 8 – Qualificação e quantificação dos artigos.....37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lydia Riera.....16
Figura 2 – Penélope Alvarez.....16
Figura 3 – Elena Alvarez.....17
Figura 4 – Alex Alvarez.....18
Figura 5 – Schneider.....19
Figura 6 – Dr. Leslie Berkowitz.....19
Figura 7 – Syd.....20

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

Este trabalho foi idealizado ao perceber que os debates sobre uma linguagem de gênero não binário na língua portuguesa estão cada vez mais presentes e mais fortes no nosso dia a dia. Do ponto de vista da Linguística Funcionalista, essa é uma questão muito curiosa, pois, em estudos formais do Português, apenas se classifica as palavras em dois gêneros gramaticais, masculino e feminino, mas, se essa vertente linguística admite e estuda as evoluções das línguas, como ela pode nos ajudar a entender uma linguagem não binária no português brasileiro? Pelo enfoque da Tradução, também é intrigante, porque, se outras línguas possuem marcas de um gênero neutro ao aspecto binário presente em português, ou não marcam gênero algum, como se traduziria essa característica para nossa língua?

Por isso, neste trabalho de conclusão de curso, espera-se identificar a problemática de uma linguagem não binária, em Português, entender as possibilidades de implementação de tal linguagem e analisar como tradutores profissionais lidam com os obstáculos da profissão. E, para isso, será utilizada a série estadunidense *One Day At a Time*, produzida pela Netflix entre 2017 e 2019, para exemplificar tanto o uso de uma linguagem não binária em língua estrangeira quanto o uso de novas alternativas para essa linguagem em português.

Para realizar a análise de 48 legendas da série, distribuídas em 12 episódios, de duas temporadas, serão aplicados conceitos da Sociolinguística Variacionista, como tipos de variação propostos por Coseriu (1980 *apud* CUNHA LACERDA, 2010), e Comunidade de Fala, de Gumperz (1968, 1996 *apud* VANIN, 2009), que explicarão como e por que novas variações de gênero são possíveis na nossa língua, associados às ideias de Bagno (2007 [1999]) acerca do Preconceito Linguístico. Também serão utilizadas as classificações de legendagem apresentadas por Díaz-Cintas (2005) e Araújo e Franco (2011), no campo dos Estudos de Tradução Audiovisual, para verificar os aspectos técnicos das legendas produzidas.

Presume-se que, após essa análise, será possível reconhecer se as escolhas tradutórias estão de acordo tanto com a proposta da série, a de ser inclusiva com uma minoria social, quanto com os estudos formais de Língua Portuguesa e de Tradução. Espera-se também trazer para o meio acadêmico um debate significativo de um tema pertencente a um grupo social marginalizado e mostrar as implicações que os estudos e propostas de linguagens não binárias podem trazer para os Estudos Linguísticos.

CAPÍTULO 2: LINGUÍSTICA FUNCIONALISTA

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma breve contextualização da história dos estudos linguísticos funcionalistas, abordando o surgimento da Sociolinguística Variacionista, alguns conceitos importantes a respeito dos tipos de variação linguística e de como eles ocorrem, e as ideias de Marcos Bagno (2007 [1999]) sobre Preconceito Linguístico.

2.1. Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista é a área da Linguística que estuda variações e mudanças linguísticas. Ela foi inaugurada em 1968 com a publicação do livro *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*, de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog, no qual os autores contestam a ideia, apresentada por Ferdinand de Saussure em sua obra *Curso de Linguística Geral*, de 1916, de que a diacronia não deve ser estudada pela Linguística.

A obra de Saussure marca o início do estruturalismo, uma abordagem teórica que, junto do gerativismo instaurado por Chomsky, forma a base do formalismo linguístico. Os formalistas entendem que uma língua é um sistema autônomo e homogêneo. Por isso que, ao descrever as línguas como sendo compostas por *langue* – estrutura interna composta por signos – e *parole* – expressão física de tais signos por meio da fala –, Saussure entende somente a primeira como o único objeto de estudo da Linguística, por possuir um sistema próprio de funcionamento e por não sofrer modificações derivadas de fatores externos ao sistema. Como ele bem exemplifica no excerto a seguir:

> O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psico-física. [...] Pode-se, a rigor, conservar o nome de Linguística para cada uma dessas duas disciplinas e falar duma Linguística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua. (SAUSSURE, 1916, p.27-28)

E assim, ele acaba por desconsiderar a fala, e consequentemente as variações e as mudanças que ela apresenta, como parte do objeto de estudo da Linguística por entendê-la como um processo individual de cada falante.

Em contrapartida às ideias formalistas, surgiram abordagens linguísticas que focam no estudo de línguas baseado em fenômenos naturais de uso. Tais abordagem se categorizam como funcionalistas, e a Análise do Discurso, a Linguística de *Corpus* e a Sociolinguística Variacionista são algumas delas.

O ponto apresentado no livro de Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) que se opõe à ideia formalista é o de que a língua é um sistema heterogêneo e ordenado e que variações e mudanças linguísticas não ocorrem aleatoriamente em decorrência do uso característico de cada indivíduo.

De acordo com os autores, todas as variações – vocábulos semelhantes e síncronos em uma língua – e as mudanças – o uso predominante de uma variação em relação a outras – possuem caráter sistemático e controlado que derivam de fatores intra e extralinguísticos.

Além de razões estruturais internas de uma língua, as variações e as mudanças podem ser socialmente motivadas, uma vez que são compartilhadas dentro de um grupo social e acabam por adquirir valor social ao qual a comunidade de fala que aborda tais variações e mudanças se identifica, como apontado por Weinreich, Labov e Herzog: "o avanço da mudança linguística rumo à conclusão pode ser acompanhado de uma elevação no nível da consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social" (PAIVA; DUARTE, 2006, p.145).

2.2. Tipos de variação e a ideia de Comunidade

Para explicar como as variações podem ocorrer em uma língua, Eugenio Coseriu (1980 *apud* CUNHA LACERDA, 2010), um linguista romeno, as categoriza em 4 tipos: variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diafásica.

1. A **variação diacrônica** é aquela que acontece com o decorrer do tempo. Com o passar dos anos, as línguas evoluem, acompanhando as evoluções sociais de seus falantes e adquirindo novas variantes.
2. A **variação diatópica** é aquela relativa a lugares, como cidades, estados, regiões e países diferentes.
3. A **variação diastrática** acontece devido a contextos sociais. Como em casos de diferentes idades e níveis de escolaridade.

4. A **variação diafásica** é aquela que ocorre em um mesmo falante quando em contextos diferentes, seja familiar, profissional, social, etc..

Neste trabalho, focaremos na variação diastrática, uma vez que abordaremos a linguagem não binária no português brasileiro, um socioleto que se desenvolve a partir de motivações essencialmente sociais.

Visto que o falante possui uma grande influência como agente de mudanças em uma língua, vale ressaltar a influência que a língua tem no falante. A forma como cada pessoa usa o próprio idioma interfere em como ela se identifica perante seu povo, e assim podemos entender que os falantes se reconhecem como parte de uma **comunidade de fala**.

Ainda é incerto e há várias maneiras de se entender o que seria uma comunidade de fala, como bem apresentado por Aline Aver Vanin em seu artigo intitulado *Considerações relevantes sobre definições de 'Comunidade de fala'* (2009), no qual a autora reúne definições de 11 autores acerca desse conceito. Neste trabalho, nós entendemos a comunidade de fala como definido por Gumperz (1968, 1996) nos tópicos 4 e 5 a seguir. As definições reunidas por Vanin (2009) são:

1. "o conceito de comunidade de fala se articula em torno de aspectos sociais, psicológicos/identificatórios e linguísticos." (SEVERO, 2008 *apud* VANIN, 2009, p.147)
2. "essa noção [comunidade de fala], empiricamente definida em termos de populações e estruturas de comunicação, relacionaria as características da língua, da personalidade e da estrutura social (aqui incluindo sociedade e cultura)." (HYMES, 1964 *apud* VANIN, 2009, p.148)
3. "o conceito de comunidade de fala está ligado a pessoas que compartilham regras de conduta e interpretação de fala de, pelo menos, uma variedade linguística." (HYMES, 1972 *apud* VANIN, 2009, p.149)
4. "há diversidade dentro da própria comunidade de fala, já que essa se constitui por várias redes de socialização ligadas a padrões de uso e de interpretação linguísticos." (GUMPERZ, 1996 *apud* VANIN, 2009, p.148)
5. "uma comunidade de fala é um grupo de falantes – não necessariamente de uma mesma língua – que compartilha um conjunto de normas e regras para o uso da língua." (GUMPERZ, 1968 *apud* VANIN, 2009 p.148)

6. “é possível delimitar a comunidade de fala pelos aspectos individuais, já que ‘cada indivíduo cria o sistema para seu comportamento verbal a fim de que ele possa se parecer com aqueles do grupo ou dos grupos com os quais, de tempos em tempos, ele possa se identificar’.” (WARDHAUGH, 2002 *apud* VANIN, 2009, p.148)
7. “uma comunidade de fala é formada por falantes que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, comunicam-se relativamente mais entre si do que com outros e partilham normas e atitudes diante do uso da linguagem.” (GUY, 2001 *apud* VANIN, 2009, p.148)
8. “‘é um grupo de pessoas que interage por meio da fala’.” (BLOOMFIELD, 1926 *apud* VANIN, 2009, p.148)
9. “é aquela que compartilha normas e ‘atitudes’ sociais perante uma língua ou variedade linguística.” (LABOV, 1972 *apud* VANIN, 2009, p.148)
10. “não há vinculação clara entre indivíduo e comunidade de fala, em que o primeiro está subordinado ao segundo, sendo difícil observar o comportamento linguístico, uma vez que esse seria determinado pelo grupo.” (FIGUEROA, 1994 *apud* VANIN, 2009, p.148)
11. “comunidade de fala como um grupo de pessoas que não necessariamente compartilham a mesma língua, e talvez nem mesmo um conjunto de normas e regras para o uso da língua. Para ela, os limites entre comunidades de fala seriam essencialmente sociais, ao invés de linguísticos, já que essas não são necessariamente coextensivas a uma comunidade linguística.” (ROMAINE, 1994 *apud* VANIN, 2009, p.149)
12. “as propostas para um conceito de comunidade de fala como consensual – conforme Labov – ou contrastiva – como acredita Romaine, por exemplo – podem ser utilizadas de acordo com as necessidades do estudioso.” (PATRICK, 2004 *apud* VANIN, 2009, p.149-150)
13. “‘é possível que as comunidades de fala não existam na sociedade, exceto como protótipos na mente das pessoas e, nesse caso, a busca pela definição “verdadeira” de “comunidade de fala” é apenas uma perseguição inútil’.” (HUDSON, 1980 *apud* VANIN, 2009, p.150)

Como percebemos, não há ainda um consenso acerca da definição desse termo, porém as definições apresentadas podem ser resumidas da seguinte forma: “os membros de uma

mesma comunidade de fala devem compartilhar normas linguísticas, incluindo entendimento, valores e atitudes sobre as variedades da língua presentes nas trocas comunicativa" (VANIN, 2009, p.148).

Mesmo adotando definições para o que seria uma **comunidade de fala**, esse termo ainda é muito amplo para ser utilizado com base em um estudo sociolinguístico. Por isso, alguns autores, também apresentados por Vanin (2009), adotam dois outros conceitos, os de rede social e de comunidade de prática.

Milroy (2004 *apud* VANIN, 2009) diz que a **rede social** de um falante é referente aos relacionamentos que ele tem com outros e que não se caracteriza como um grupo social fixo. Britain e Matsumoto (2008 *apud* VANIN, 2009) também apontam **rede social** como sendo as relações sociais que um indivíduo tem, independentemente de como essa rede de interação usa a língua. Assim, vemos que esse conceito abrange mais que a forma como seus integrantes conversam. Já uma **comunidade de prática**, segundo Meyerhoff (2004 *apud* VANIN, 2009), é um grupo no qual é necessário que seus membros interajam tão fortemente a ponto de criarem seu próprio repertório, não bastando somente se identificarem como parte dele.

Ao final de seu artigo, Vanin (2009) apresenta um ótimo resumo dos conceitos explicados anteriormente. Nas palavras da autora:

> É possível distinguir, de maneira geral, os três tipos de concepções de 'comunidade' explorados neste texto a partir da explicitação das relações inerentes a cada conceito. Os membros de uma comunidade de fala não precisam, necessariamente, se conhecerem, enquanto os de uma rede social certamente sim, já que estão ligados por diferentes graus de laços de interação, interessando o que as pessoas são. Mas, para uma comunidade de prática, essa conexão não basta; é necessário, nesse caso, que os indivíduos tenham um engajamento em comum, levando-se em conta as suas ocupações: pessoas que se relacionam por causa de uma determinada atividade costumam participar de uma mesma comunidade de prática. Dessa forma, elas compartilham práticas culturais distintas, o que se reflete nas suas trocas linguísticas. (VANIN, 2009, p.151)

Portanto, as variações linguísticas podem ocorrer dentro de grupos sociais e, às vezes, a partir da motivação dos falantes. Tal fato implica em cada comunidade de fala ter seu próprio jeito de se comunicar, e, mesmo sem se conhecerem, seus falantes podem compartilhar variações de vocabulário específicas que os identificam como parte de um grupo. Tais variações vão desde vocabulário técnico de uma profissão até neologismos criados em meio virtual, e todas podem e devem ser objeto de estudos linguísticos.

2.3. Preconceito Linguístico

Muitas vezes, as variações e as mudanças linguísticas que surgem esbarram em um conceito importantíssimo, *norma*. De acordo com Marcos Bagno, sociolinguista e tradutor brasileiro que propõe a reformulação do conceito de *norma culta* e é referência nacional na questão do preconceito linguístico, norma é "um construto teórico que emerge do exame das relações *sociais*" (2012, p.20). Em seu artigo intitulado *Norma linguística, hibridismo e tradução* (2012), o autor discorre sobre como o significado de "norma" é essencialmente ambíguo, já que está ligado tanto ao que é *normal* na língua – que se refere a variações recorrentes no uso da língua – quanto ao que é *normativo* – que seriam as variações ideais e de acordo com regras. Essa ambiguidade está presente até mesmo em grandes dicionários da língua portuguesa, como o Grande Dicionário Houaiss[1] que diz:

> **4** Rubrica: linguística, gramática
> Conjunto dos preceitos estabelecidos na seleção do que deve ou não ser usado numa certa língua, levando em conta fatores linguísticos e não linguísticos, como tradição e valores socioculturais (prestígio, elegância, estética etc).
>
> **5** Rubrica: linguística
> Tudo o que é de uso recorrente numa língua relativamente estabilizada pelas instituições sociais.

Segundo Bagno (2012):

> Para fugir dessas ambiguidades, diversos linguistas brasileiros têm proposto designar a *norma culta* ideal, normativa, com o rótulo de *norma-padrão* [...]. Pessoalmente, temos preferido simplesmente descartar a expressão *norma culta*, justamente por suas ambiguidades e, sobretudo, por já conter implícito um forte preconceito social: afinal designar determinado modo de falar como "culto" significa, automaticamente, lançar no porão do "inculto" todas as demais variedades sociolinguísticas. (p.24)

Como o autor diz, o problema de relacionar o que é normativo ao que é culto é que, consequentemente, relacionamos o inculto a tudo que não é normativo, ou seja, a tudo que é usado normalmente em contexto do dia a dia e que abrange as variações linguísticas não associadas ao ensino formal da língua. E é dessa relação que nascem os preconceitos linguísticos estudados por Bagno. Em seu livro *Preconceito linguístico: o que é, como se faz* (2007 [1999]), o autor faz primeiramente um apanhado de alguns mitos acerca da língua portuguesa no Brasil. Como explicado no Mito nº 1, sobre acreditarem que a língua

[1] Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

portuguesa brasileira é única e homogênea em todo território nacional, é comum que a diversidade linguística brasileira não seja reconhecida pelos seus falantes como parte da língua. Esse comportamento é resultado da imposição das instituições de ensino em se aprender e usar somente o português descrito em livros de gramática tradicionais, o qual deve ser considerado verdadeiro e correto, como explicado no Mito nº 4. É desse pensamento que vem a ideia de que aquilo que não está de acordo com as grandes gramáticas está errado e não pertence à língua, "isso não é português" (BAGNO, 2007 [1999], p.40). Bagno (2007 [1999]) também afirma que todas as línguas no mundo sofrem variações – e consequentemente mudanças – e que essas variações refletem as necessidades e os processos históricos da sua comunidade.

2.4. Conclusão

Com isso, entendemos que a Linguística Funcionalista, em especial a Sociolinguística, abre espaço para uma discussão sobre uma linguagem não binária no português brasileiro, temática principal deste trabalho de conclusão de curso, pois traz explicações para como esse fenômeno linguístico incipiente está acontecendo em nossa cultura. A linguagem não binária está em desenvolvimento devido a uma motivação social, que reivindica a inclusão de termos que não expressem gêneros, ou que expressem gêneros diferentes de homem e mulher, e isso a torna um excelente objeto de estudos linguísticos, sociais e políticos.

Apesar de pessoas não binárias sempre existirem em nossa sociedade, a inclusão de uma linguagem não binária no português brasileiro é muito recente e desconhecida pela maioria dos brasileiros. E isso resulta em um preconceito com essa linguagem por parte dos falantes, que, por desinformação a respeito dessa identidade de gênero e por uma história carente do ensino dos usos reais da língua, não entendem a linguagem não binária como uma transformação possível no português.

Do ponto de vista da tradução, entender como, por quê, quando e onde as comunidades de fala criam, conscientemente ou não, suas próprias variações linguísticas é de extrema importância para o processo tradutório, pois ter essas informações sobre uma língua e sobre a cultura na qual ela está inserida, dará ao tradutor uma série de possibilidades tradutórias e lhe permitirá fazer as melhores escolhas possíveis em seu trabalho.

CAPÍTULO 3: TRADUÇÃO AUDIOVISUAL E LEGENDAGEM

Traçaremos neste capítulo um breve histórico da área dos Estudos da Tradução para, em seguida, abordarmos a subárea da Tradução Audiovisual, mais especificamente, a legendagem.

3.1. História da Tradução Audiovisual

Os primeiros registros que temos da prática da tradução datam do Império Romano. Cícero e Horácio são os maiores expoentes das reflexões a respeito da tradução, rompendo com a tradição de fidelidade. Eles preferiam que o texto traduzido soasse natural e fluido em vez de ser apenas uma transferência de vocabulário em duas línguas. Com isso, davam prioridade ao entendimento do texto original em detrimento do seu sentido completo.

Antes do estabelecimento dos Estudos da Tradução como disciplina, alguns autores como Catford (1965, 1980), Nida (1964) e Taber & Nida (1974) – herdeiros da visão estruturalista de Saussure – apoiavam-se na noção de equivalência para prescrever como deveria ser uma tradução (GUEDES, 2010, p. 99). Dessa concepção cientificista e idealizada, chega-se ao extremo de afirmar, tal como o linguista estruturalista Georges Mounin (1963, 1975 *apud* GUEDES, 2012, p.104), que tal atividade, embora muito praticada e necessária, não era legítima, nem possível.

Portanto, a tradução permaneceu por muito tempo como um mal necessário, como um assunto encaixado em outros campos já existentes, como a Literatura Comparada, por exemplo. De acordo com Susan Bassnett (2003 *apud* GUEDES, 2010, p.80), os Estudos da Tradução, nascidos nos anos 70, consolidam-se como uma disciplina acadêmica somente nos anos 90. A partir daí, teve início a formalização de teorias e de abordagens teóricas que têm permitido uma reflexão sobre o processo tradutório.

Quanto à tradução audiovisual, sua história pode ser rastreada desde os tempos do cinema mudo, mais precisamente quando textos passaram a ser incorporados entre *frames* de filmes no começo do século XX. Como bem apresentado por González em seu verbete sobre Tradução Audiovisual no livro *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, de Baker e Saldanha (2009 [1998]), falas e descrições eram adicionados para explicitar os pensamentos dos personagens, contribuindo para obras cinematográficas ganharem mercado em países

estrangeiros. Tais textos eram substituídos por outros na língua do país para onde os filmes eram exportados.

Pouco antes da Primeira Guerra Mundial, os mercados cinematográficos norte-americano e europeu dominavam a exportação de filmes traduzidos, porém, após o fim da guerra, essa exportação era integrada predominantemente por obras estadunidenses. Contudo, ao final da década de 1920, os E.U.A. já notavam a resistência do público-alvo de outros países às obras em uma língua estrangeira e perdiam a influência que exerciam sobre a indústria de filmes na Europa.

No Brasil, filmes legendados apareceram com o aumento de lançamentos de filmes falados nos cinemas do Rio de Janeiro e de São Paulo em 1929 (DE LUNA FREIRE, 2015). O encantamento pelos novos filmes era enorme, porém era nítido que, nas primeiras sessões, a barreira linguística prejudicava o entendimento das obras. Em meio a muitos procedimentos testados na época, a legendagem foi o que se consolidou no mercado brasileiro. Esses testes visavam encontrar a maneira mais atraente e compreensível de apresentar filmes em língua inglesa para o público brasileiro. A inserção de filmes legendados no Brasil se deu de forma gradual e, diferentemente de outros países na América Latina, na Europa e na Ásia, tornou-se a opção mais popular no país.

Ainda no final dessa década, o desenvolvimento da tecnologia possibilitou a implementação de som em filmes, ainda que apresentassem problemas de sincronia entre imagem e áudio, porém isso não impediu a indústria cinematográfica de regravar, em outras línguas, os diálogos presentes nas obras.

Desde então, análises sobre traduções audiovisuais passaram a existir, mas, de acordo com Baños e Díaz-Cintas (2018), em seu artigo *Language and translation in film*, foi somente no final da década de 1950 que elas chegaram ao nível acadêmico com publicações em revistas de cinema e jornais de tradução. Os autores também citam os primeiros e mais importantes trabalhos da época acerca do tema, como o texto de Laks (1957), intitulado *Le sous-titrage de films*, que abrange a prática da tradução como profissão, o jornal *Babel* que publicou em 1960 uma edição especial sobre tradução de cinema, a monografia de Hesse-Quack (1969) sobre o processo de dublagem e o livro de Fodor, de 1976, sobre os aspectos fonéticos, semânticos, estéticos e psicológicos da dublagem.

Alguns anos depois das publicações citadas acima, precisamente em 1987, ocorreu a primeira conferência sobre tradução, Conference on Dubbing and Subtitling, em Estocolmo.

Após o evento, com novas publicações que resultaram dele e com o avanço da tecnologia para a era digital, a tradução audiovisual se tornou cada vez mais objeto de estudos de tradução.

3.2. Nomenclatura e aspectos técnicos

Com o surgimento dos estudos sobre tradução audiovisual, nasce um problema: como classificar o que é tradução audiovisual e suas ramificações? Classificar tudo o que envolve tradução audiovisual é muito complexo, porém, em um artigo de 2005, Díaz-Cintas propõe uma nomenclatura simples e satisfatória que parte dos principais tipos de tradução audiovisual. Para o autor, todos os espaços onde há sinal acústico e sinal visual, sejam transmitidos através de tela ou de palco, serão considerados como meios audiovisuais (ARAÚJO; FRANCO, 2011), assim ele classifica como sendo meios de tradução audiovisual: legendagem, dublagem, *voice-over*, dublagem parcial, narração, interpretação, *surtitling*, legenda para surdos e ensurdecidos, audiodescrição e *audio subtitling*.

Em seu artigo para a *Tradução em Revista* (2011), as autoras Araújo e Franco explicam, com base nos conceitos de outros autores, os principais meios de tradução estabelecidos por Díaz-Cintas (2005) da seguinte forma:

> **Legendagem** é o processo de criar legendas, textos curtos que aparecem geralmente na parte inferior das telas, direcionadas a espectadores ouvintes. São feitas em programas e *softwares*, em grande maioria específicos para esse fim, que possuem ferramentas para marcação do tempo inicial e final, tradução, revisão e pré-visualização das legendas. As legendas geralmente seguem alguns princípios específicos, que são:
>
> – A entrada e a saída das legendas da tela deve acompanhar as falas do vídeo.
> – As legendas não devem ultrapassar o número de duas linhas e devem estar centralizadas na tela.
> – O número de caracteres deve ser, em média, de 30 por linha.
>
> **Legenda para Surdos e Ensurdecidos (LSE)** é aquela que, além de seguir os mesmos critérios de uma legenda para ouvintes, como tradução de falas e aspectos técnicos de tempo e posição na tela, contém informações extras necessárias para que

um espectador surdo ou com perda auditiva seja capaz de entender também as informações sonoras no vídeo, tais informações são indicação do falante, descrição de sons ambientes e ações dos personagens.
Este tipo de legenda não deve ser confundido com *closed captions* e com *respeaking*. As *closed captions* são o oposto das legendas abertas, são aquelas que devem ser acessadas pelo espectador, e *respeaking* é a legenda feita "ao vivo" por meio de um programa de reconhecimento de voz.

Surtitling, também chamada de supralegenda e de legenda eletrônica, é a legenda projetada em teatro e óperas. Não é muito comum, nem muito estudada academicamente no Brasil. Esta legenda segue os mesmos critérios técnicos das legendas para espectadores ouvintes.

Dublagem é a tradução que consiste na substituição de todas, ou quase todas, informações orais de uma obra audiovisual de uma língua para outra. Essas informações podem ser diálogos, narrações e descrições, e elas podem não ser traduzidas em casos como quando há uma terceira língua envolvida, em que geralmente é mantido o áudio original, ou quando é decidido apagar a informação apresentada.

Voice-over, assim como a Dublagem, é a tradução das informações orais de um produto audiovisual, porém, ao invés da substituição do áudio original, esta sobrepõe o áudio original com o áudio dos diálogos traduzidos.
Outra diferença em relação à Dublagem é que este tipo de tradução é usado somente em obras de não-ficção, como documentários, entrevistas, etc.. O *voice-over* também se difere por não seguir o princípio do sincronismo labial, visto que o áudio traduzido é reproduzido pouco depois que o áudio original começa, e, por possuir duas faixas de áudio sendo reproduzidas ao mesmo tempo, este tipo de tradução requer que o volume do som original seja mais baixo.

Audiodescrição (AD) é a tradução, em forma de áudio, das informações visuais presentes na obra, como caracterização de cenários e personagens, descrição de ações não narradas e textos, que não podem ser percebidas pelos espectadores que possuem

algum tipo de deficiência visual, e é apresentada geralmente entre diálogos para evitar ao máximo a sobreposição de áudios.

Além da classificação apresentada acima, os tipos de tradução audiovisual podem também ser classificados com outras duas nomenclaturas, como bem apresentado por Araújo (2002). A primeira é com base nas línguas e nos meios semióticos que abrangem. Tal classificação, a partir da terminologia de Jakobson (1959), é dividida em intralingual, interlingual e intersemiótica:

Tradução intralingual é aquela que ocorre dentro de uma só língua, e os tipos de tradução audiovisual que geralmente são classificados assim são a legenda para surdos e ensurdecidos, a audiodescrição e o *surtitling*.

Tradução interlingual é a que ocorre entre duas línguas, ou mais, e os tipos de tradução audiovisual que são mais conhecidos por essa classificação são a legendagem, a dublagem e o *voice-over*.

Tradução intersemiótica é aquela que ocorre entre diferentes sistemas de linguagem, e os tipos de tradução audiovisual que podem ser classificados assim são a legenda para surdos e ensurdecidos – tradução de elementos sonoros para elementos linguísticos – e a audiodescrição – tradução de elementos visuais para elementos sonoros.

A segunda classificação possível, especificamente para legendas, é feita com base em aspectos técnicos. São as legendas abertas e as legendas fechadas:

Legendas abertas são as que aparecem continuamente centralizadas na parte inferior da tela – salvo quando podem sobrepor textos na imagem e, assim, localizadas na parte superior – durante toda a exibição do vídeo. Podem ser em diferentes cores, geralmente nas cores branca e amarela, e podem ou não estar sobre uma tarja escura para facilitar a sua visualização.

Legendas fechadas, também conhecidas por *closed captions*, são as que estão ocultas durante a exibição do vídeo e que devem ser acionadas pelo espectador. Aparecem em letras brancas e sobre uma tarja preta e podem surgir na tela de duas formas, pelo tipo *roll-on*, ou rotativo, em que as palavras sobem da parte inferior da tela, na maioria das vezes, uma por uma, e pelo tipo *pop-on*, no qual as sentenças aparecem na parte inferior da tela e seguem o princípio do sincronismo labial.

3.3. Conclusão

Após a exposição de uma breve história dos Estudos de Tradução e da Tradução Audiovisual, podemos perceber o quão complexa é a área, que se desmembra em muitas ramificações, cada qual com suas especificidades e necessidades, em especial, a legendagem, o veículo do nosso *corpus*.

É levando em conta as características da legendagem que conduziremos nosso estudo das legendas de *One Day At a Time*, pois tais características são pontos importantes que também guiaram a tradução da série, e, para entendermos o seu processo tradutório, devemos considerar todos os conceitos apresentados neste capítulo.

Assim, neste trabalho, não devemos levar em conta somente os aspectos linguísticos do texto original e do texto traduzido, mas também os aspectos técnicos do processo que interliga tais textos.

CAPÍTULO 4: LINGUAGEM NÃO BINÁRIA EM *ONE DAY AT A TIME*

Este capítulo tem como objetivo apresentar nosso objeto de estudo, a série *One Day At a Time*, produzida pela Netflix, e esclarecer algumas questões que o envolvem, como linguagem não binária e identidade de gênero.

4.1. A série e os personagens

One Day At a Time é uma série de comédia estadunidense produzida pela Netflix entre 2017 e 2019, composta por três temporadas no site de *streaming*. Em março de 2019 foi confirmado o cancelamento da produção da continuidade da série, mas, em 2020, ela foi retomada pelo canal Pop TV que produziu mais uma pequena temporada e logo a cancelou novamente.

A série conta a história de uma família cubano-americana composta pela avó cubana, Lydia; pela mãe e chefe da família, Penélope; e pelos dois filhos adolescentes dela, Elena e Alex. A família ainda conta com alguns agregados, o vizinho e dono do prédio onde moram, Schneider; e o médico e chefe de Penélope, Dr. Leslie Berkowitz. Esses são os protagonistas em todas as temporadas, porém, a partir da segunda temporada, um novo personagem é introduzido e passa a fazer parte do núcleo principal do elenco, Syd, alguém que inicialmente é somente parte do grupo de amigos de Elena, mas com quem ela logo passa a namorar. Neste trabalho, Syd é o foco de nossa análise, pois se identifica como uma pessoa de gênero não binário, conceito que explicaremos mais à frente neste capítulo, e mostra seu desejo de que sejam usados termos em linguagem não binária.

Para conhecermos melhor os personagens, o contexto em que eles estão inseridos e como se relacionam com Syd, apresentaremos um breve resumo sobre eles:

A. Lydia

Figura 1 – Lydia Riera[2]

Interpretada por Rita Moreno, Lydia Riera é a avó da família. Uma senhora que fugiu de Cuba quando adolescente junto das irmãs mais novas durante a Revolução Cubana. É uma senhora católica fervorosa, conhecida por espalhar várias imagens de Cruzes e Papas pela casa da filha. Um dos focos de humor da série é o fato de Lydia morar num quarto separado da sala por uma cortina na casa da filha. É um personagem que expressa diversos pensamentos muito tradicionais sobre relacionamentos, o papel de uma mulher numa família, sexualidade e saúde mental, por exemplo, mas que ama a família acima de tudo e que aprende com ela. Lydia foi alguém que inicialmente não aceitou a sexualidade de Elena, mas, após uma rápida reflexão, ela entende e aceita a sexualidade de sua neta. Após isso, Lydia se mostra mais aberta às pautas da comunidade LGBTQIA+, tanto que, mesmo estando confusa com os pronomes não binários de Syd e Margaux, ela os usa corretamente durante a série e ajuda Elena a namorar Syd.

B. Penélope

Figura 2 – Penélope Alvarez[3]

[2] Disponível em: <https://screenrant.com/one-day-at-a-time-saddest-lydia-moments/>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

Penélope Alvarez, interpretada por Justina Machado, é uma enfermeira recém-separada que foi sargento de saúde no Exército dos Estados Unidos. O período no exército causou a ela severos traumas, por isso Penélope costuma frequentar um grupo de apoio psicológico a ex-soldados com Transtorno de Estresse Pós-Traumático. Ela é uma mãe que trabalha duro para cuidar da família enquanto estuda para se especializar em Enfermagem. Dos protagonistas, ela é quem leva mais tempo para entender e aceitar a sexualidade da filha, mas, uma vez que ela supera seus preconceitos, mostra-se uma grande apoiadora.

C. Elena

Figura 3 – Elena Alvarez[4]

Elena é uma adolescente superpreocupada com questões sociais e ambientais. Interpretada por Isabella Gómez, é uma típica *nerd* que gosta de estudar e de cultura *geek*. Durante a primeira temporada, Elena se descobre lésbica, e a aceitação de sua família, exceto por parte de seu pai, Victor, durante sua *quinceñera* é o grande desfecho da temporada. No começo da segunda temporada é quando ela começa a se relacionar com Syd, logo após descobrir que sua primeira paixonite, Dani, já tem namorada. Além de seu desenvolvimento acerca de sua sexualidade, sua história também é focada nos desafios do final do ensino médio, quando ela começa a apresentar sintomas de ansiedade e, assim como sua mãe, passa a ter ataques de pânico devido ao estresse das provas e vestibulares. Elena se preocupa demais

[3] Disponível em: <https://osurtododia.com.br/vale-a-pena-assistir-one-day-at-a-time/>. Acesso em: 31 de julho de 2022.
[4] Disponível em: <https://www.pinterest.com/pin/660973682812839344/>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

com o bem-estar e a segurança de sua família e oferece sua ajuda sempre que vê que seus familiares podem melhorar em relação a algo importante.

D. Alex

Figura 4 – Alex Alvarez[5]

Alex é o filho mais novo da família. Mimado pela avó, ele é um menino charmoso e bastante sociável interpretado por Marcel Ruiz. Apesar de geralmente conseguir o que quer com a ajuda de Lydia, Alex é um irmão, um filho e um neto muito carinhoso que admira as mulheres de sua família. Vemos o caçula se desenvolver e amadurecer durante todas as temporadas da série, visto que é um menino ainda na puberdade. Infelizmente, Alex aprende em primeira mão os preconceitos e a xenofobia que latinos enfrentam nos Estados Unidos quando passa a sofrer ataques verbais na escola. Por ser um rapaz novo, ele ainda é muito influenciado pelos amigos e pelas redes sociais on-line, tanto que acaba por reproduzir atitudes grosseiras com sua namorada em seu Instagram pessoal, o que resulta em uma poderosa conversa entre sua família sobre assédio e consentimento. Na terceira temporada, Penélope também descobre que Alex começou a fumar maconha por influência dos amigos e o ensina sobre os problemas de fazer uso dessa substância ainda quando adolescente e como a sociedade estadunidense, principalmente os brancos, porta-se ao ver um menino de origem latina usando drogas.

[5] Disponível em: <https://www.express.co.uk/showbiz/tv-radio/1084145/One-Day-at-a-Time-season-3-release-time-Netflix-what-time-is-One-Day-at-a-Time-released>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

E. Schneider

Figura 5 – Pat Schneider[6]

Todd Grinnell interpreta Schneider, o dono do prédio e amigo da família Alvarez. Ele é um canadense de família rica que possui diversos hobbies e bastante tempo livre. Com um enorme carinho pela família, considera Penélope sua melhor amiga e tem Lydia como uma importantíssima figura materna – seu pai se casou diversas vezes, por isso ele tem muitas madrastas. Schneider por muitos anos sofreu por vício em bebidas e abuso de drogas, uma válvula de escape para frustrações de sua relação com o pai, um homem nem um pouco carinhoso. Penélope e Lydia foram quem mais deram suporte para ele superar o vício – tanto foi o impacto delas na vida dele que seu maior orgulho é poder exibir sua moeda de 8 anos sóbrio no museu da família Alvarez. Schneider não consegue se manter fora dos assuntos familiares dos Alvarez e se intromete sempre, como fez com Elena e Syd quando procuravam um novo nome para o papel de Syd no relacionamento, ele é quem dá a ideia do trocadilho "Sydnificant Other" e fica feliz em ajudar e se chamar de aliado da causa LGBTQIA+.

F. Dr. Leslie Berkowitz

Figura 6 – Dr. Leslie Berkowitz[7]

[6] Disponível em: <https://jornaufu.wixsite.com/cacos/post/one-day-at-a-time-a-serie-de-humor-leve-e-abordagem-critica>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

O médico e patrão de Penélope é interpretado por Stephen Tobolowsky. Ele é um homem triste porque foi deixado pela esposa e pelas filhas, que o odeiam. Sempre trabalhou por muitas horas e acabou por não dar tanta atenção à família, que o abandona; suas filhas somente mantêm contato para lhe pedir dinheiro. Leslie é apaixonado por Lydia e deixa seus sentimentos claros para ela, que o vê como um grande amigo. Apesar de sempre ser rejeitado, ele gosta muito de estar com Lydia, o passeio preferido deles é assistir à ópera. É um senhor que procura aprender com as novas gerações sobre pautas importantes atualmente, como sexismo, assédio no trabalho e desigualdade de gênero. Ele é alguém que desconhece o uso de pronomes não binários e expressa sua preocupação em errá-los após ouvir sobre o grupo de amigos de Elena. Em geral, é um homem doce e solitário que apoia toda a família Alvarez.

G. Syd

Figura 7 – Syd[8]

Interpretado por Sheridan Pierce, Syd é um personagem adolescente não binário que, assim como Elena, se interessa por cultura *geek*. Syd é uma pessoa que pode parecer um pouco estranha para outros por ser bem excêntrica. Ela é educada em casa pelo método de ensino doméstico, ou seja, não frequenta uma escola, por isso suas interações sociais podem parecer um pouco diferentes, mas ainda assim é alguém bem similar à Elena. Quando está com a namorada, costumam ir a convenções *nerds* ou eventos de causas sociais. Não acontece na história de Syd sofrer preconceito por seu gênero, mas há uma cena em que Elena conta que sofreram uma perseguição de assediadores quando estavam num encontro. Todas as vezes

[7] Disponível em: <https://www.quotev.com/story/13198369/One-Day-At-A-Time-Apartment-503-Season-1-Characters/9>. Acesso em: 31 de julho de 2022.
[8] Disponível em: <https://one-day-at-a-time.fandom.com/wiki/Syd>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

em que Elena vai apresentar Syd a alguém, ela sempre parece orgulhosa ao chamar Syd de alguém que “Sydnifica” tudo para ela.

4.2. Conceitos importantes

Para chegarmos ao ponto principal de nossa discussão, a linguagem não binária no português brasileiro, é necessário entendermos alguns conceitos comuns que são facilmente confundidos.

O primeiro conceito a ser entendido é o de **sexo** biológico – ou designado –, que se refere, de acordo com o Grande Dicionário Houaiss[9], a “cada um dos grupos (machos e fêmeas) em que se dividem os indivíduos de várias espécies, de acordo com suas características orgânicas e seus papéis na reprodução”, ou seja, é uma categorização baseada nos órgãos reprodutivos, cromossomos e hormônios do animal. Vale ressaltar também que, em humanos, há pessoas intersexuais que apresentam características dos dois sexos.

O segundo conceito é o de **identidade de gênero** que diz respeito a como uma pessoa identifica seu papel social – como homem e mulher, por exemplo – perante sua sociedade e seu contexto histórico, cultural e político. Apesar de a grande maioria das culturas no mundo serem compostas de homens e mulheres, há ainda pessoas transgêneras[10] – aquelas cujo gênero não corresponde ao sexo designado ao nascer (mulher = fêmea, e homem = macho) – que podem se identificar com os dois gêneros ao mesmo tempo ou alternados, ou até mesmo com nenhum dos dois sempre.

E é no grupo de pessoas transgêneras que encontramos a **identidade não binária**, uma pessoa que não se identifica totalmente como homem ou totalmente como mulher, que é o caso de Syd.

---

[9] Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

[10] Não confundir com transexual: 1.1 que ou quem se submeteu a um tratamento hormonal e cirúrgico para adquirir as características físicas do sexo oposto. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

Transgênero: que ou quem não se identifica com as noções convencionais de homem ou mulher, combinando ou alternando essas duas identidades. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

4.3. Diferenças entre linguagens

Como a análise deste trabalho se baseia no estudo da tradução de uma linguagem não binária para outra, é importante entendermos algumas classificações de linguagens: a inclusiva e a não binária.

Uma linguagem é inclusiva principalmente quando sentenças são formuladas de maneira que não reflitam alguma identidade de gênero – "aquela pessoa é bonita", por exemplo (ALMEIDA, 2020)[11]. Além dessa forma, uma das bandeiras feministas dos anos 60-70 como sendo também uma linguagem inclusiva foi a inclusão do uso do feminino explícito que, ao recusar o masculino genérico, visa desconstruir a ideia de masculino como universal e o seu uso sexista na língua. Portanto, ao invés de "Prezados alunos", temos "Prezadas alunas e prezados alunos" como também sendo inclusiva.

Chamamos de linguagem não binária aquela cujas marcas de gênero visam incluir todas as pessoas, independentemente de seus gêneros, como é o caso dos sistemas que apresentaremos a seguir.

Em seu *Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa*, de 2020, Gioni Almeida, um professor graduado em Letras Português/Inglês e pessoa *trans* não binária, apresenta quatro sistemas de linguagem e discute sobre conceitos e propostas de escrita. Em seu manual, Almeida usa o termo "linguagem neutra", porém, neste trabalho de conclusão de curso, optamos por chamar essa linguagem estritamente de "linguagem não binária". Os sistemas que o autor apresenta são:

> Elu – Neste sistema, o mais difundido dentro da comunidade, todos os pronomes possuem morfema [-*u*] no lugar dos morfemas [-*e*] e [-*a*]: *elu, elus, delu, delus, nelu, nelus, aquelu, aquelus*.
>
> Ile – Já no segundo sistema, todos os pronomes possuem o radical alterado, [*il*-] ao invés de [*el*-], e todos possuem o morfema [-*e*] ao final: *ile, iles, dile, diles, nile, niles, aquile, aquiles*.
>
> Ilu – No terceiro sistema, que mescla as regras dos sistemas anteriores, todos os pronomes possuem o radical alterado e terminam com o morfema [-*u*]: *ilu, ilus, dilu, dilus, nilu, nilus, aquilu, aquilus*.

[11] ALMEIDA, Gioni Caê. *Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa*, 2020. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa>.

El – O quarto e último sistema, diferentemente dos outros, é construído a partir da omissão dos morfemas [-*e*] e [-*a*] ao final dos pronomes: *el, els, del, dels, nel, nels, aquel, aquels*.

No manual, Almeida (2020) também apresenta recursos de como utilizar a linguagem não binária em substantivos, adjetivos, quantitativos, artigos, preposições e outros tipos de pronomes. É certamente um dos guias mais completos para o uso de uma linguagem que não marca os gêneros gramaticais feminino e masculino em nossa língua e, mesmo que o autor tenha dito em nota, no início do manual, que este manual tem base em estudos informais e independentes feitos por ele, Almeida (2020) conta com diversas referências de estudos de linguagem não binária em português.

4.4. Projeto tradutório da série

De acordo com a teoria da tradutora Christiane Nord (1991), a elaboração de um projeto tradutório tem a finalidade de ajudar o tradutor a tomar decisões conscientes e intencionais durante o processo tradutório (PFAU, 2012). Nord é uma professora alemã que leciona nas áreas de Estudos Aplicados de Tradução e Pedagogia de Tradução. Seu modelo para um projeto de tradução funcionalista consiste em planejar a tradução antes de iniciá-la, tendo como base para o planejamento o texto original e o texto traduzido. Além disso, ela também diz que o tradutor deve ter em mente o contexto para a produção da tradução, como para quem ela é direcionada, o formato que será transmitida, para onde e quando será entregue e qual é o motivo para fazê-la (NORD, 2001 *apud* PFAU, 2010).

Como *One Day At a Time* é um produto estrangeiro, ele deve passar por traduções para legendagem e dublagem para ser transmitido aqui no Brasil, e, visto que é uma obra que percorre por diversos temas sociais, políticos e culturais, espera-se que os tradutores responsáveis elaborem um projeto de tradução coerente com as temáticas da série. No caso deste trabalho, que analisa em especial a tradução da linguagem não binária, nós procuramos estudar tanto a proposta do texto original, como e por que utilizam essa linguagem, quanto o projeto do texto traduzido, comparando-os sob perspectivas e técnicas tradutórias.

A série primeiramente foca tanto no uso de pronomes não binários – they, them, their, ze e zir – que acaba por utilizar palavras de outras classes gramaticais no feminino, como “girlfriend”, para se referir a Syd. Mas, logo abre a discussão para o uso de outros termos que

não sejam masculinos ou femininos. Acontece que na língua original, o inglês, são poucas as vezes em que são utilizados termos femininos para falar de Syd, isso porque a língua inglesa possui poucas marcas gramaticais de gênero, se compararmos com o português. Nossa língua é extremamente marcada por gêneros gramaticais, que são somente dois, e apresenta um forte obstáculo para os tradutores que devem seguir o projeto original de não utilizarem marcas de feminino ou masculino em termos relacionados a Syd, exceto, é claro, quando a marcação é feita de forma intencional e segue o propósito do texto original. Por isso, esperamos que os tradutores tenham um projeto tradutório bem construído, pois há um grande contraste entre as línguas no que diz respeito às possibilidades de não serem utilizados termos masculinos ou femininos.

4.5. Conclusão

Conhecendo um pouco sobre a série *One Day At a Time*, os seus personagens, e o contexto em que está inserida, podemos notar a importância dos discursos apresentados por ela, como o uso de uma linguagem não binária, pois é um produto audiovisual de grande alcance mundial que tem como público-alvo adolescentes e jovens adultos, mas que pode ser apreciada por pessoas de todas as idades.

A série é um grande exemplo de como transmitir debates importantes, de forma clara e cativante, que conversam com todos profundamente. E tê-la abordando o uso de linguagem para com uma pessoa não binária mostra o quanto os criadores estão conscientes sobre outras identidades de gênero e sobre a relevância desse assunto atualmente, assim como o poder e o espaço da série para falar sobre ele.

Por isso a consideramos como um significativo objeto de estudos linguísticos e tradutórios, pois entendemos que os discursos apresentados por ela merecem ser olhados pela perspectiva formal dos Estudos de Tradução.

CAPÍTULO 5: ANÁLISE

Para realizarmos a análise, dividimos nosso *corpus* em quatro categorias: substantivos, adjetivos, pronomes e artigos. É possível notar que este estudo é similar ao feito por Santos Silva, em 2018, que também investigou a tradução da linguagem não binária em duas séries, incluindo *One Day At a Time*, da Netflix. Porém, neste trabalho, analisamos um *corpus* mais extenso, composto por legendas das segunda e terceira temporadas. Antes de começarmos a análise propriamente dita, consideramos importante ressaltar que essas temporadas foram traduzidas por profissionais diferentes, Rosana Cocink e Airton Almeida.

A análise segue uma metodologia mista, uma combinação dos caracteres qualitativo e quantitativo. Quantificamos as passagens, tanto no texto original (TO), quanto no traduzido (TT), em linguagem não binária e em norma padrão, nas quais foram usados termos binários, isto é, femininos ou masculinos.

Cada tabela contém a temporada, o episódio e o momento em que o termo analisado se encontra. Vale notar a presença de aspas nos termos não dicionarizados tanto no inglês, quanto no português, sendo as do texto traduzido idênticas às apresentadas no site de *streaming* e as do texto original feitas por nós.

As tabelas abaixo contêm o cotejo das categorias dos substantivos, dos adjetivos, dos pronomes e, por fim, dos artigos.

5.1. Substantivos

1. Tradução de substantivos					
Nº	Temporada	Episódio	Tempo	Original	Tradução
1	2	5	:12:54	It's okay. I'm cool with being **friends**.	Tudo bem. Podemos ser **amigas**.
2			:23:44	You want us to be alone in my room? Me and my **date**?	Quer que fique sozinha no quarto com minhe **namorade**?
3		7	:27:58	You're the one with the **girlfriend**.	É você quem tem **namorade**.

4		11	:05:10	I want you to meet my **girlfriend**, Syd.	Quero que conheça “minhe **namorade**”, Syd.
5		13	:22:50	You even helped me get a **girlfriend**.	Até me ajudou a arrumar **namorade**.
6	3	2	:24:13	No, it’s just, we’re not calling Syd my **girlfriend** anymore.	Não. É que não chamamos mais Syd de minha **namorada**
7			:23:47	Oh, you know what I always thought was so cute? **Better half**.	Sabe o que gosto muito? **Cara-metade**.
8			:23:28	**Main Squeeze**, Person Friend.	**Lesbiamante**, namoradis,
9				Main Squeeze, **Person Friend**.	Lesbiamante, **namoradis**,
10			:23:25	**Your Gay of Sunshine**.	“**al-gay**” que eu amo?
11			:23:03	— **Partners**? — We’re not lawyers.	-“**Parceires**”? -Não somos “advogades”.
12				— Partners? — We’re not **lawyers**.	-“Parceires”? -Não somos “**advogades**”.
13			:23:01	— **Lovers**? — We’re not gross.	-**Amantes**? -Não somos vulgares.
14			:22:57	**Longtime Companion**?	“Sui” **Brokeback Mountain**?
15			:16:29	Syd’s your **Queer Dear**.	Syd é “sui **conju-gay**”.
16			:16:19	Your **non “bino-saur**”.	“Sui **não-binassauro**”.

17			:16:13	Your **Mighty Morphin Power "Ganger**".	"Sui" **Power Ranger nem vermelho nem rosa**.
18			:02:06	Syd is my SO. **Significant Other**.	Syd... STM. **Significa tudo pra mim**.
19			:02:01	Are they your "**Syd-nificant Other**"?	"**Sydnifica**" **tudo pra mim**?
20			:01:49	Hell, yeah, "**Syd-nificant Other**".	É claro, **Sydnifica tudo pra mim**.
21		5	:23:56	To go out on the town with my **"Syd-nificant other**".	de sair pela cidade com quem **Sydnifica tudo pra mim**

Tabela 1 – Falas e legendas dos substantivos para análise, grifo nosso

	No texto original	No texto traduzido
Termos em Linguagem Não binária	16	17
Termos no masculino ou no feminino	5 (1 no masculino, 4 no feminino)	4 (1 no masculino, 3 no feminino)
Termos omitidos	0	0

Tabela 2 – Qualificação e quantificação dos substantivos

No que diz respeito a marcas de gênero em português, que é o foco deste estudo, percebemos que na tradução dos substantivos em inglês, os tradutores utilizaram morfemas diferentes para designar outro gênero que não o masculino ou o feminino – [-*e*] em "namorade", "parceires" e "advogades"; [-*i*] em "namoradis". Eles também recorreram a palavras e expressões que não apresentam marcas de gêneros masculino e feminino em suas formas, como "cara-metade" e "amantes".

Além dessas escolhas, também fizeram o uso de trocadilhos, de referências a filmes e séries e de um neologismo específico para Syd. Os trocadilhos “al-gay” (alguém + gay), “conju-gay” (cônjuge + gay) e “não-binassauro” (não binário + dinossauro) possuem algum elemento da comunidade LGBTQIA+ que também são presentes nas falas originais.

A primeira referência feita, “Longtime Companion”, faz alusão ao filme de mesmo nome, de 1989, cuja história conta de que forma um grupo de amigos é afetado pela epidemia da AIDS nos Estados Unidos. Na tradução para o português, o tradutor optou por referenciar outro filme, “O segredo de Brokeback Mountain”, esse de 2005 e, portanto, mais recente, contando a história que se passa entre os anos 60 e 80 de um casal gay, também nos Estados Unidos. A segunda referência é à primeira série da franquia estadunidense Power Rangers, *Mighty Morphin Power Rangers*. Nessa franquia, os personagens formam um grupo de super-heróis composto por homens e mulheres, e cada um deles possui um uniforme de cor específica que os identifica, tanto nas séries, quanto fora delas, pois é muito difícil lembrar o nome de cada personagem e qual sua cor correspondente, uma vez que a franquia se encontra em sua 28ª temporada. Assim, “Power Ranger vermelho” e “Power Ranger rosa” acabam por induzir o gênero dos personagens. Então, quando o personagem Schneider diz que Syd não é o Ranger vermelho nem o rosa, ele acaba por mais uma vez não especificar o gênero não binário de Syd.

Por último, o neologismo criado para referenciar Syd e seu papel no relacionamento, “Sydnifica tudo pra mim” (Syd + significa tudo para mim), também não possui nenhuma das marcas de masculino e feminino em português. Porém, se pensarmos em outros personagens, que não a Elena, chamando Syd dessa forma, isso causa um estranhamento que não ocorre no original, afinal, seria irrealista todos chamarem Syd desse modo. Então podemos dizer que é uma tradução que só funciona se pronunciada por Elena, o que realmente acontece nas duas temporadas que analisamos.

Outro aspecto que podemos observar é o de como os tradutores procuram seguir a proposta da série de empregar uma linguagem não binária, mesmo quando a própria série usa substantivos femininos. Nas quatro primeiras traduções de “girlfriend”, legendas 3, 4, 5 e 6, a tradutora optou por “namorade” antes mesmo de a questão de como se referirem a Syd em seu relacionamento com Elena ser um tópico na própria série. Nas outras ocorrências, percebemos também que na legendagem da série, os tradutores tentaram ao máximo manter a não expressão de gêneros, com exceção de “amigas”, legenda 1, e da última ocorrência de “namorada”, legenda 6. Nesse último caso, o tradutor propositalmente escolheu manter o

termo no feminino, pois é a ideia do texto original na fala de Elena que expressa como "girlfriend" está em desacordo com o gênero da personagem, e com a proposta inclusiva da série.

Em outros casos, como nas legendas 8 e 14, notamos que algumas palavras empregadas estão diretamente ligadas ao masculino ou ao feminino. "Lesbiamante" (8), por exemplo, é claramente formada a partir da junção de "amante" mais "lésbica", que significa mulher homosexual, de acordo com o Grande Dicionário Houaiss[12]. Essa ideia não se aplica às ocorrências de "gay", pois essa palavra já é usada para designar homens e mulheres homossexuais. Na legenda de número 14, o caso é um pouco diferente. O que acontece é que, tanto no original, quanto na tradução, são referenciados filmes cujos protagonistas são homens, e, mesmo que sejam referências mundiais de produções cinematográficas para a comunidade LGBTQIA+, não representam Syd. Esses filmes retratam as vidas de homens *gays*, que são extremamente diferentes da vida de Syd enquanto pessoa não binária no século XXI.

Na análise quantitativa da tradução dos substantivos ligados a Syd, vimos que houve uma correspondência muito próxima de ocorrências de termos não binários no texto original e no texto traduzido. O mesmo se pode dizer com relação aos usos de substantivos no masculino ou no feminino no TO e no TT. Mas constatamos que os tradutores foram além do TO da série em sua própria proposta de linguagem não binária com relação ao momento em que esses termos são introduzidos, pois, ainda na segunda temporada, antes mesmo da linguagem não binária, como algo além do uso de pronomes pessoais, ser um tópico na série, a tradutora Rosana já usava essa linguagem em suas legendas.

5.2. Adjetivos

2. Tradução de adjetivos					
2.1. *Latinx*					
Nº	Temporada	Episódio	Tempo	Original	Tradução
1	2	1	:27:05	I mean, he is clearly a white guy, and I am clearly **latinx**.	Ele é visivelmente branco e eu sou "**latine**".

[12] Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 31 de julho de 2022.

2			:26:59	I am sorry, **latinx** is a gender neutral alternative to latino or latina.	Desculpe. “**Latine**” é uma palavra sem gênero definido para latino ou latina.
3			:09:18	This is terrible! I can’t be passing. I’m a proud **latinx**.	Isso é terrível! Não posso passar por branca! Tenho orgulho de ser “**latine**”!
4			:09:13	What the hell is a **latinx**?	Que raios é “**latine**”?
5			:09:04	I mean, who even decides what **latinx** looks like? I look latinx.	Quem decide qual é a aparência certa? Eu pareço “latine”.
6				I mean, who even decides what latinx looks like? I look **latinx**.	Quem decide qual é a aparência certa? Eu pareço “**latine**”.
7			:04:33	Alex, you have something on your chin. Do you need a **latinx**?	Alex, tem uma coisa no seu queixo. Tome um “**latine**”.
8		12	:14:03	This is because you are a **latinx**.	Isso é porque você é **latinx**.
2.2. Outros adjetivos					
1	2	11	:06:28	You were so **excited**. And your big ask was amazing.	Você estava tão “**animade**”. E seu convite foi demais.
2	3	5	:17:08	I’m so **excited.**	Estou tão “**ansiose**”.
3		6	:19:21	You look **ridiculous**.	Vocês estão “**ridícules**”.
4			:13:02	Or maybe you should be a little less **passive-**	Tente ser menos “**passive-agressive**”.

				aggressive.	
5			:06:14	and I'm sorry I wasn't **direct** about what I wanted.	Me desculpa por não ser "**direte**" sobre o que eu queria.
6		7	:14:37	I'm definitely **ready** to do more than fumble with your bra.	Estou "**pronte**" pra ir além de lutar com seu sutiã
7			:13:51	Since I spend the afternoon chaperoning two **horny** nerds?	Já que passo a tarde vigiando nerds "**tarades**"?
8			:04:59	I wasn't **in love** then.	Eu não estava "**apaixonade**",

Tabela 3 – Falas e legendas dos adjetivos para análise, grifo nosso

	No texto original	No texto traduzido
Termos em Linguagem Não binária	16	15
Termos no masculino ou no feminino	0	0
Termos omitidos	0	1

Tabela 4 – Qualificação e quantificação dos adjetivos

Um dos adjetivos que mais se destaca na série é "latinx", e, como bem explicado por Elena, é um termo sem marca de gênero usado para designar uma pessoa nascida na América Latina, ou filha de pais nascidos na América Latina como a personagem Penélope e seus filhos, como alternativa a "latino" e "latina". A variação não binária desse adjetivo surgiu da linguagem informal usada on-line, por isso "x" na posição dos morfemas de gênero [-*o*] e [-*a*] em Espanhol. Como vem sendo muito discutido nos últimos anos, essa é uma alternativa que não se adapta ao português, pois causa muito estranhamento para os falantes nativos, não é

reconhecida por recursos de acessibilidade visual em eletrônicos utilizados por pessoas com algum grau de deficiência visual e não é pronunciável. Por esses motivos, a tradutora escolheu o morfema [-*e*], como fez em outras ocorrências. Porém, na última, ela manteve "latinx", a grafia utilizada em inglês, provavelmente por um simples descuido. Durante o processo tradutório, são inúmeros detalhes que devem ser estudados pelo tradutor, ainda mais na linguagem não binária, por isso é comum que ocorram pequenos deslizes como esse. Em relação à tradução dos outros adjetivos, observamos que todos seguem o padrão não binário utilizado na tradução de "latinx", morfema [-*e*] ao invés de [-*o*] ou [-*a*].

Logo, é fácil afirmar que os tradutores seguiram perfeitamente a proposta de usar uma linguagem não binária ao se tratar de Syd, dado que todos os adjetivos em português não possuem os gêneros gramaticais masculino e feminino. Houve apenas uma elipse, ou seja, somente um dos adjetivos não foi traduzido, simplesmente para evitar a repetição da palavra ou para não exceder o limite de caracteres máximos por legenda.

5.3. Pronomes

3. Tradução de pronomes					
3.1. they, them e *their*					
Nº	Temporada	Episódio	Tempo	Original	Tradução
1	2	3	:25:23	Syd. My pronouns are **they** and them.	Syd. Meus pronomes são "**eles**" e "deles".
2				Syd. My pronouns are they and **them**.	Syd. Meus pronomes são "eles" e "**deles**".
3			:24:31	No, **They** is Them. Stop making this confusing!	Não, "**eles**" é "deles". Parem de fazer confusão!
4				No, They is **Them**. Stop making this confusing!	Não, "eles" é "**deles**". Parem de fazer confusão!
5			:24:00	Ze takes zir team to the parking lot, and **they** take their team to the	ile leva a dile para o estacionamento e **eles** levam a deles para a

				corner.	esquina.
6				Ze takes zir team to the parking lot, and they take **their** team to the corner.	ile leva a dile para o estacionamento e eles levam a **deles** para a esquina.
7			:23:53	He, she, **they** and ze will all meet up at the fair-trade coffee shop.	Depois nos encontraremos naquela cafeteria sustentável
8			:02:35	But I was just wondering if I can go and get ice cream with **them**.	mas queria saber se posso ir tomar sorvete com "**eles**".
9			:02:31	And by **them**, you mean just Syd?	E, por "**eles**", você quer dizer "Syd"?
10		5	:29:20	I really like Syd. I want **them** to like me back.	Gosto muito de Syd. Quero que **ile** goste de mim,
11		7	:06:31	Who is he? Or she? or **they**?	Quem é ele? Ou ela? Ou **eles**?
12	3	2	:23:55	I want to call **them** by a term that's more acceptable and inclusive.	Como Syd tem identificação não-binária, quero um termo mais aceitável e inclusivo.
13			:09:34	So you didn't know if you had **their** consent.	Então você não sabia se tinha permissão.
14		5	:17:12	Double date? Who's the couple **they**'re with?	Saída de casais? "**Iles**" estão com quem?

3.2. *ze e zir*					
1	2	3	:25:20	I’m Margaux. Pronouns, **ze** and zir.	Sou a Margaux. Pronomes “**ile**” e “dile”.
2				I’m Margaux. Pronouns, ze and **zir**.	Sou a Margaux. Pronomes “ile” e “**dile**”.
3			:24:00	**Ze** takes zir team to the parking lot, and they take their team to the corner.	**ile** leva a dile para o estacionamento e eles levam a deles para a esquina.
4				Ze takes **zir** team to the parking lot, and they take their team to the corner.	ile leva a **dile** para o estacionamento e eles levam a deles para a esquina.
5			:23:53	He, she, they and **ze** will all meet up at the fair-trade coffee shop.	Depois nos encontraremos naquela cafeteria sustentável
3.3. Outros pronomes					
1	2	5	:23:44	You want us to be alone in my room? Me and **my** date?	Quer que fique sozinha no quarto com **minhe** namorade?
2			:12:03	No, I’ll protect **you**.	Não, eu **a** protegerei.
3		11	:05:10	I want you to meet **my** girlfriend, Syd.	Quero que conheça “**minhe** namorade”, Syd.
4	3	2	:24:13	No, it’s just, we’re not calling Syd **my** girlfriend anymore.	Não. É que não chamamos mais Syd de **minha** namorada
5			:23:52	— **My** everything. — I like it.	**-meu** tudo. -Gostei.

6				— My **everything**. — I like it.	-meu **tudo**. -Gostei.
7			:22:57	Longtime Companion?	“**Sui**” Brokeback Mountain?
8			:16:29	Syd’s **your** Queer Dear.	Syd é “**sui** conju-gay”.
9			:16:19	**Your** non “bino-saur”.	“**Sui** não-binassauro”.
10			:16:13	**Your** Mighty Morphin Power “Ganger”.	“**Sui**” Power Ranger nem vermelho nem rosa.
11			:02:01	Are they **your** “Syd-nificant Other”?	“Sydnifica” tudo pra mim?
12		5	:23:56	To go out on the town with **my** Syd-nificant other.	de sair pela cidade com **quem** Sydnifica tudo pra mim

Tabela 5 – Falas e legendas dos pronomes para análise, grifo nosso

	No texto original	No texto traduzido
Termos em Linguagem Não binária	30	15
Termos no masculino ou no feminino	0	11 (9 no masculino, 2 no feminino)
Termos omitidos	0	5

Tabela 6 – Qualificação e quantificação dos pronomes

Os pronomes são certamente a parte mais discutida quando falamos de linguagem não binária, principalmente os pronomes pessoais, por ser de sua natureza expressar as três pessoas gramaticais. Na série, Syd se apresenta e diz que seus pronomes são “they” e “them”, que em inglês são pronomes da terceira pessoa do plural sem distinção de gêneros, mas, nas

primeiras legendas, a tradutora optou por fazer uma tradução literal dos pronomes, que em português possuem duas formas, masculino e feminino. Acreditamos que ela preferiu traduzi-los no masculino pelo caráter genérico que esse gênero gramatical possui na nossa língua. Essa escolha traz questionamentos acerca de quão adequada foi a tradução, pois mesmo tendo sido feita pensando no caráter genérico do masculino em português, é ainda a forma idêntica ao pronome masculino sendo usada para referenciar Syd e pode facilmente não ser interpretada como uma forma genérica. Essa questão não seria tão relevante se a tradutora seguisse a mesma ideia de traduzir os pronomes de Margaux. Porém, os pronomes não binários "ze" e "zir" foram traduzidos por pronomes criados pela comunidade trans não binária para representá-la, "ile" e "dile".

Com relação aos pronomes citados acima, percebemos uma inconsistência na tradução, pois, ainda na segunda temporada, "they" é traduzido como "Iles", e "them" como "ile", em outras palavras, é como se os pronomes de Syd tivessem mudado.

Em outros momentos, os tradutores omitiram os pronomes e reformularam frases de modo que não foi necessária a expressão dos pronomes usados no texto original, nem a expressão de pronomes masculinos ou femininos em português. Já a tradução de "you" acabou por cair na binaridade, uma vez que foi traduzido pelo pronome pessoal oblíquo "a".

A tradução dos pronomes possessivos, apresentados na parte 3.3. da tabela, foi bem interessante. Primeiro, o pronome "your" foi traduzido por um equivalente na linguagem não binária, o pronome "sui", que foi omitido somente na legenda 11. Essa forma de pronome possessivo também apareceu na legenda 7, mesmo não tendo aparecido algum pronome no texto original. A tradução de "my" não foi tão homogênea quanto a de "your", porque foram utilizadas quatro formas diferentes em português. A primeira delas, "minhe", foi traduzida com o morfema [-*e*] no lugar do [-*a*], de "minha", para concordar com "namorade", que segue a mesma lógica como já explicado anteriormente, e essa forma foi aplicada em duas legendas da segunda temporada, nos episódios 5 e 11. A segunda tradução foi "minha", para concordar com "namorada", pois é neste trecho do diálogo original que Elena explica para Penélope que querem um termo não binário para chamar Syd. Já a terceira tradução de "my" é "meu", dessa vez para concordar com "tudo", cujo gênero gramatical é masculino. E a quarta e última tradução de "my" é "quem", um pronome relativo que se adequa bem com a frase "Sydinifica tudo pra mim", criada para representar o papel de Syd no namoro.

Devido à natureza da língua inglesa, os únicos pronomes que expressam gênero são os na terceira pessoa do singular, que derivam de "he" e "she", e como estes não foram usados

para se referirem a Syd, todos os 30 pronomes usados no texto original estão de acordo com a linguagem não binária. Tal fenômeno não acontece na tradução para o português, na qual apenas 15 dos 26 pronomes listados estão em linguagem não binária. Houve ainda momentos em que os tradutores omitiram pronomes, cinco no total, provavelmente devido ao tamanho da legenda.

5.4. Artigos

4. Tradução de artigos					
Nº	Temporada	Episódio	Tempo	Original	Tradução
1	2	1	:09:13	What the hell is **a** latinx?	Que raios é “latine”?
2			:04:33	Alex, you have something on your chin. Do you need **a** latinx?	Alex, tem uma coisa no seu queixo. Tome **um** “latine”.
3		3	:25:20	I’m Margaux. Pronouns, ze and zir.	Sou **a** Margaux. Pronomes “ile” e “dile”.
4		7	:27:58	You’re the one with **the** girlfriend.	É você quem tem namorade.
5		12	:14:03	This is because you are **a** latinx.	Isso é porque você é latinx.
6		13	:22:50	You even helped me get **a** girlfriend.	Até me ajudou a arrumar namorade.

Tabela 7 – Falas e legendas dos artigos para análise, grifo nosso

	No texto original	No texto traduzido
Termos em Linguagem Não binária	5	0

Termos no masculino ou no feminino	0	2 (1 no masculino, 1 no feminino)
Termos omitidos	0	4

Tabela 8 – Qualificação e quantificação dos artigos

Os artigos, nossa última categoria de análise, aparentemente não representaram grande obstáculo para os tradutores, visto que em português é comum a construção de orações sem artigos. Por isso, o recurso mais usado ao traduzir foi a omissão dos artigos definidos e indefinidos para evitar a expressão dos gêneros masculino e feminino. Somente a legenda 2 do quadro apresenta o artigo indefinido masculino "um", isso porque, na fala de Lydia, ela confunde a palavra "latinx" com "kleenex", uma marca de lenços de papel, e oferece um lenço para o neto. A mesma marca de binariedade está presente na legenda 3 em português que traz o artigo definido feminino "a" antes de "Margaux", um nome francês tipicamente dado a meninas.

A inclusão de um artigo feminino, que não aparece no texto original, vai contra a proposta de uma linguagem não binária na série. Porém, por não ser um grande desafio durante o processo tradutório, a tradução dos artigos, ou melhor, a omissão de quatro deles, gerou legendas sem expressão dos gêneros.

5.5. Conclusão

Ao final da análise dos substantivos, dos adjetivos, dos pronomes e dos artigos presentes nas 48 legendas selecionadas, podemos concluir que, numa visão geral, 73,5% dos termos traduzidos para o português estão em linguagem não binária, quantidade expressiva para textos em nossa língua, tão marcada pelos gêneros gramaticais masculino e feminino.

Apesar dessa porcentagem ser bem alta e mostrar a responsabilidade dos tradutores em manterem a proposta de uma linguagem que inclui outras identidades de gênero além de homens e mulheres, tão evidente e importante na série, ocorreram inconsistências que não podem ser ignoradas. Estas parecem ter ocorrido devido a um projeto tradutório mal definido que, como explicado anteriormente neste trabalho, é de extrema importância para evitar que tais desvios aconteçam.

É notável que ambos os tradutores possuem projetos tradutórios distintos, que esbarram entre si e possuem similaridades, mas que não foram revisitados durante o processo tradutório, e que por isso entraram em desacordo com o projeto da série.

Ao se assistir à série, é esperado que os tradutores tenham empregado a linguagem não binária de forma a ter os mesmos efeitos produzidos pelo texto original, humor na maior parte das legendas, mas também estranhamento e consciência social, e, após esta análise, que levou em conta as informações apresentadas nos capítulos anteriores, consideramos que isso foi devidamente realizado.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a realização deste trabalho de conclusão de curso, podemos notar como o meio audiovisual é uma rica fonte de material para estudos de tradução. Esse meio está constantemente se atualizando, abordando novas temáticas e discussões, exigindo novas técnicas e avanços no processo de tradução, e se expandindo pelo mundo apresentando novas culturas para diversos lugares. Para acompanhar a evolução dos produtos audiovisuais, os tradutores também devem se aprimorar, estudando os novos temas e as novas formas de linguagem que acompanham esses produtos.

Um grande exemplo disso é o uso de linguagem não binária na série *One Day At a Time*, produzida pela mais famosa plataforma de *streaming* atualmente, a Netflix. Não é só nos Estados Unidos, local de produção da série, mas também no Brasil, onde essa linguagem ainda é muito nova, por isso há uma carência de estudos e problemas de aplicação em contextos reais. A linguagem não binária, como forma de se referir a todas as pessoas e como forma de explicitar outras identidades de gênero no português brasileiro, não encontra como obstáculo somente a gramática interna da língua, mas também o preconceito de seus falantes acerca da causa social que a incita. Como vimos no primeiro capítulo, é fato que nossa língua, assim como todas as outras, está num processo constante de mudança, que pode ocorrer de diversas formas e por diversas razões, mas que também pode sofrer resistência por parte de seus falantes.

Pensamos que o preconceito sobre essa linguagem deriva, além dos preconceitos sobre outras identidades de gênero, da falta de conhecimento dos falantes em relação a este fato e da forte imagem, causada pelos mitos sobre a língua portuguesa e pela imposição de um único jeito de se aprender português, que a gramática normativa tem de ser definitiva.

Apesar da falta de padronização da linguagem não binária, por ser criada principalmente em meio digital por falantes nativos, e da falta de respaldo de estudos formais do português brasileiro, os tradutores Rosana Cocink e Airton Almeida produziram uma quantidade significativa de legendas nessa linguagem. Nas 48 legendas analisadas, 73,5% dos termos em português não usam os gêneros gramaticais masculino e feminino, enquanto essa porcentagem no texto original é de 86%, mostrando o quanto é possível a execução de textos em linguagem não binária.

Assim concluímos que com novas propostas e mais estudos de implementação da linguagem não binária em textos em português brasileiros, aliados à conscientização da

população e a uma legislação respeitosa, essa linguagem pode fazer parte da nossa língua. Porém, como toda mudança na língua, essa participação é, além de incerta, lenta e deverá passar por muitas variações e transformações até ser alcançada.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Vera Lúcia Santiago. O processo de legendagem no Brasil. *Revista do GELNE*, v. 4, n. 1, p.1-6, 2016.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico*: o que é, como se faz. 49 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007 [1999].

_____. Norma linguística, hibridismo & tradução. *Traduzires*, v. 1, n. 1, p.19-32, 2012.

BAÑOS, Rocío; DÍAZ-CINTAS, Jorge. Language and Translation in film. *In*: MALMKJÆR, Kirsten (ed.). *The Routledge Handbook of Translation Studies and Linguistics*. New York: Routledge, 2018.

BARBOSA, Leila da Silva. *Contribuições da abordagem construcional para os estudos da tradução*: evidências a partir da tradução para o inglês de construções modalizadoras epistêmicas asseverativas com 'real' e 'real oficial' na série *The Circle Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Letras-Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

CORREA, Crishna Mirella de Andrade. Psicologia e teorias *queers*. *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 23, n. 2, maio/ago., p. 619-637, 2015.

CUNHA LACERDA, Patrícia F. A. da. Tradução e sociolinguística variacionista: a língua pode traduzir a sociedade? *Revista Tradução & Comunicação*, n. 20, p.127-142, 2010.

DE LUNA FREIRE, Rafael. O início da legendagem de filmes no Brasil. *Matrizes*. São Paulo, v. 9, n. 1, jan./jun., p.187-211, 2015.

DÍAZ-CINTAS, Jorge. Audiovisual translation today – a question of accessibility for all. *Translating Today*, n. 4, jul., 2005.

ESPÍNOLA, Melissa Rhênia Barbosa *et al.*. Conhecimento é liberdade: os neologismos no movimento feminista brasileiro. *In*: CASTRO, Paula Almeida de (org.). *Educação como*

(re)existência: mudanças, conscientização e conhecimentos. Campina Grande: Realize Editora, v. 3, p.569-587, 2021.

FRANCO, Eliana Paes Cardoso; ARAÚJO, Vera Santiago. Questões terminológico-conceituais no campo da tradução audiovisual (TAV). *Tradução em Revista*. v. 11, n. 2, p.1-23, 2011.

GONÇALVES, Davi Silva. Por uma língua feminista: uma breve reflexão sobre o sexismo linguístico. *Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade*. São Luís, v. 4, n. 1, jan./jun., p.99-115, 2018.

GUEDES, Mayra Barbosa. *Subjetividade enunciativa e ethos do tradutor* – Zadig de Voltaire e de seus tradutores. Tese de doutorado em Letras Neolatinas. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010.

JARDIM PINTO, Céli Regina. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*. Curitiba, v. 18, n. 36, jun., p.15-23, 2010.

LAU, Héliton Diego. O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas trans não-binárias na língua portuguesa: a voz "del@s" ou "delxs"? Não! A Voz "delus"! *Anais do SIES V*, Maringá, 2017.

LEAL, Alice. Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos. *Scientia Traductionis*. Florianópolis, n. 2, 2006.

LUGARINHO, Mário César. Como traduzir a teoria *queer* para a língua portuguesa. *Revista Gênero*, v. 1, n. 2, p.36-46, 2001.

MALENOVA, Evgenya D.. Translating subtitles – translating cultures. *Journal of Siberian Federal University. Humanities & Social Sciences*., v. 12, n. 8, p.2891-2899, 2015.

MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a questão das diferenças: por uma analítica da normalização. *Congresso de leitura do Brasil*, v. 16, p. 1-19, 2007.

NORONHA, Felipe Augusto. *A legendagem de trechos de episódios da série* The Office *em língua portuguesa do Brasil encontrada na internet*: nova mídia, novos procedimentos. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Letras-Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

OLIVEIRA, Gabriela Rockenbach de; KILIAN, Cristiane Krause. Legendagem e marcadores culturais: análise da tradução para o inglês do filme “Lisbela e o prisioneiro”. *Letras & Letras*. Uberlândia, v. 32, n.1, jan./jun., p. 387-402, 2016.

O’SULLIVAN, Carol; CORNU, Jean-François. History of audiovisual translation. *In*: PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis (ed.). *Routledge Handbook of Audiovisual Translation*. New York: Routledge, 2019.

PAIVA, Maria da Conceição A. de; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. *In*: WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I.. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. ed. 2. São Paulo: Parábola editorial, 2006 [1968].

PÉREZ-GONZÁLEZ, Luis. Audiovisual Translation. *In*: BAKER, Mona; SALDANHA, Gabriela (eds.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies.* 2 ed. New York: Routledge, 2009 [1998]. p.13-20.

PERUCCHI, Juliana. Dos estudos de gênero às teorias *queer*: desdobramentos do feminismo e do movimento lgbt na psicologia social. *Anais do XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social*, p.1-5, 2009.

PFAU, Monique. *Tradução do diálogo feminista entre culturas periféricas sobre o feminismo de culturas centrais*: um estudo de caso para a aplicação do modelo funcionalista de Chistiane Nord. Dissertação de Mestra em Estudos da Tradução. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

PFAU, Monique. Um projeto de tradução funcionalista – justificando futuras decisões tradutórias. *Translatio*, Porto Alegre, n. 3, 2012.

PONTES, Valdecy de Oliveira; PEREIRA, Livya Lea de Oliveira. A tradução a partir do modelo funcionalista de Christiane Nord: perspectivas para o ensino de línguas estrangeiras. *TradTerm*, São Paulo, v. 28, dez., p.338-363, 2016.

REIS, Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 1, jan./abr., p.7-25, 2016.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n. 10, abr., p.140-164, 2012.

SAMAGAIO, Mairon Morelli. *Analisando um processo de tradução amadora colaborativa de* Dungeons and Dragons, *5ª edição*. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Letras-Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

SANTOS SILVA, Rafaela dos. *A tradução de pronomes de gênero não-binário e neutro na legendagem*: uma análise dos seriados *Carmilla* e *One Day At a Time*. Trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Letras. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.

SILVA, Arthur Moreira. *Rosebud?* A tradução audiovisual em *Cidadão Kane*. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Letras-Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2019.

SILVA, Keydmann Gabriela Santana da. *Legendas amadoras e profissionais*: uma análise de questões tradutórias na legendagem da série *Dr. House*. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Letras-Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

SILVA, Tatiana Abrantes da. *Os ambientes audiovisuais em* Os Simpsons: uma proposta de análise da tradução da letra. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Letras-Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.

SOARES, Olavo Cordeiro. *A localização de jogos no Brasil*: uma análise das práticas de legendagem de games no país. Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Letras-Tradução. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2017.

VANIN, Aline Aver. Considerações relevantes sobre definições de ‘comunidade de fala’. *Acta Scientiarum. Language and Culture*. Maringá, v. 31, n. 2, p. 147-153, 2009.